

RACISMO NO FUTEBOL: UM ESTUDO ANTROPOLÓGICO DA TRAJETÓRIA E IDENTIDADE DE ATLETAS NEGROS DO FUTEBOL BRASILEIRO

Mariana Schade da Silva, Mestranda, UFES, Bolsista CAPES.

INTRODUÇÃO:

O futebol chegou ao Brasil no ano de 1894 e inicialmente era praticado apenas pela elite brasileira (ROSENFELD, 1993). Os negros enfrentaram muitas dificuldades para ter acesso ao esporte que hoje é o mais popular do mundo. Os primeiros jogadores negros sofreram com ofensas racistas e principalmente com os resquícios das teorias raciais do século XIX. Carlos Alberto, jogador do Fluminense recebeu no dia 13 de maio de 1914 o apelido de “Pó de Arroz”, em alusão ao pó que passava em seu rosto para parecer mais claro e conseqüentemente ser aceito no clube e pela torcida. Já Bigode e Barbosa, por exemplo, foram acusados de serem os responsáveis pela derrota na final da Copa de 50, já que devido a sua “raça” “afrouxaram” diante dos uruguaios. (FILHO, 2003)

Com a conquista dos primeiros títulos mundiais e a importante participação de atletas negros, como o Rei Pelé, a dúvida sobre a capacidade dos jogadores negros terminou e o discurso freyriano foi recuperado e os negros passaram a ser o nosso “elemento surpresa” no futebol (FREYRE, 1938). Assim como ocorreu em nossa sociedade, as ideias de Gilberto Freyre serviram apenas para encobrir os conflitos existentes dentro do futebol. O racismo no futebol não acabou e em momentos de conflito, a cor é novamente lembrada, seja para “desestabilizar” o adversário ou para ofender algum jogador.

No ano de 2014 muitos jogadores foram vítimas de práticas racistas. Na Espanha, jogando pelo Barcelona, o lateral Daniel Alves teve uma banana arremessada em sua direção dentro de campo. Tinga, Arouca e Aranha sofreram com os gritos de “Macaco” e gestos que imitavam o animal vindo de torcedores de times adversários. Um árbitro negro, Márcio Chagas, atualmente comentarista de arbitragem, teve seu carro coberto por bananas. Em 2015, outros jogadores foram vítimas dessa prática cruel, que é o racismo, como o jogador Elias, o lateral Jemerson e o atacante Hulk. Portanto, seja no campo, nos estádios ou nas redes sociais, práticas racistas continuam acontecendo. O que mudou, no entanto foi à

reação dos jogadores, que ao invés de se calarem como no passado, hoje não apenas falam abertamente sobre o assunto como também denunciam as práticas racistas que sofreram. Diante dessa mudança, fica então uma pergunta: O que leva na visão dos atletas negros atingidos a prática do racismo contra eles e que situações sociais influenciaram esses atletas negros a denunciarem as práticas racistas dentro do futebol?

OBJETIVOS:

Objetivo Geral:

- Realizar um estudo antropológico da trajetória e identidade de três atletas negros do futebol brasileiro que foram vítimas de práticas racistas.

Objetivos Específicos:

- Debater teorias sobre identidade e racismo, enquanto conflito étnico-racial, nos campos da antropologia e sociologia.
- Realizar uma análise antropológica da história do negro no futebol brasileiro e das práticas de racismo sofridas por eles, a partir de autores que escreveram sobre o assunto.
- Analisar, a partir de notícias veiculadas e discutidas na mídia e redes sociais, os casos de racismo que atingiram alguns jogadores negros de futebol.
- Realizar, por meio de entrevista com três atletas negros de futebol que sofreram práticas de racismo, a história de vida dos mesmos, explorando sua auto definição e sua consciência do racismo como um crime.
- Analisar as ações de denúncia e judicialização de um, dos casos de racismo e os efeitos dessas ações na vida dos agressores e da vítima.
- Analisar, a partir das petições de defesa dos agressores e de entrevistas com os mesmos veiculadas na mídia e nas redes sociais, as percepções do racismo por parte dos agressores e de suas próprias práticas denunciadas como racistas.

JUSTIFICATIVA:

Apesar do futebol ser um dos símbolos da nossa identidade nacional (GUEDES, 1988), temas relacionados ao futebol aparecem poucas vezes como objetos de pesquisas. Entre os

anos de 1980 e 2007 foram publicados apenas 626 trabalhos, incluindo livros, artigos, dissertações e teses. O levantamento que foi realizado pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFUT-UFMG) mostra ainda que a produção de trabalhos só começou a crescer na década de 90, já que 86% desses trabalhos foram escritos a partir desta data. (SILVA, 2009)

Através da metodologia escolhida, a história da vida, o jogador negro que foi vítima do racismo terá voz na pesquisa e a sua história será contada a partir do seu ponto de vista. Dessa maneira, o presente trabalho é de grande relevância, pois além de contribuir com um campo de pesquisas que ainda vem se desenvolvendo não somente nas ciências sociais, como em outras áreas do conhecimento, abordará problemas e questões que não estão presentes apenas em estádios de futebol, mas principalmente na sociedade brasileira: o racismo e as dificuldades que os negros encontram em suas trajetórias de vida.

METODOLOGIA:

A metodologia escolhida para a realização da presente pesquisa será a história de vida que se dará através de entrevistas com jogadores negros que foram vítimas de práticas racistas. Segundo Haguette (2010) a história de vida é capaz de atender de forma mais ampla os propósitos do pesquisador, pois é uma metodologia que está preocupada com a fidelidade das experiências e interpretações do ator social sobre o mundo. Portanto, a principal vantagem da história de vida é poder analisar determinadas questões do ponto de vista do ator social. No caso da minha pesquisa, é analisar o racismo, do ponto de vista de quem foi vítima dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FILHO, Mário. O Negro no Futebol Brasileiro. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. Foot- Ball Mulato. Diário de Pernambuco, Recife. 17 de junho de 1938.

GUEDES, Lahud Simoni. O Brasil no campo de Futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. Metodologias qualitativas na sociologia. 1992.